

PEDRO TEIXEIRA DE SÁ

LOG BOOK

AVENTURAS
SUBAQUÁTICAS

**LIVROS
D'HOJE**

ÍNDICE

Encantamento	11
1. Baptismo de fogo (água)	17
2. O GPS humano	21
3. O golfinho e o GTI	25
4. Mar de azulejos	29
5. Adamastor	33
6. Red Sea – Take 1	39
7. Açores: São Miguel	45
8. DECO, o mágico (curso)	51
9. Viva México!	57
10. Red Sea – Take 2	63
11. Cabo Verde: São Vicente	69
12. Berlengas: A pérola continental	73
13. Porto Santo, outra vez	77
14. Grove, o eterno retorno!	85
15. Ilha da Madeira	89
16. Bahamas – O Paraíso na terra (no mar)?	95
17. Açores: Santa Maria	101
18. Red Sea – Take 3	107
19. Cabo Verde: Sal	113
20. Cabo de Palos	117
21. Açores: Terceira e Faial	121
22. Cabo Verde: São Vicente e Santo Antão	127

23. Açores: Faial e Pico	135
24. Red Sea – Take 4	141
25. Queimada	147
26. Nota legal	151
Epílogo	157
Agradecimentos	159

Este livro é sobre encantamento.

É sobre mergulho, sobre água, sobre paixão, sobre fascinação, espanto e aventura. É sobre água, mas podia ser sobre fogo, sobre música, sobre desporto ou sobre pessoas. É sobre nós. É sobre os elementos e penetra no mito da vida, nos ritos e nos símbolos com que a celebramos, por sobre uma existência normal (que não existe).

Decidi começar a mergulhar há oito anos e desde então vivi momentos desafiantes e maravilhosos, paletas emocionais onde reconheço claramente a adrenalina pulsante e o êxtase quase místico próprio das meditações monásticas, onde vejo a sombra do pânico a aproximar-se de mim devagarinho e com pés de lã (molhada, claro), onde recorro a gratidão com que observo as criaturas marinhas que me são dadas admirar, onde experimento ainda a maior sensação de calma e tranquilidade, onde sobressaem a solidão mais extrema e o companheirismo mais puro com o mesmo fulgor,

e onde a excitação e os nervos à flor do fato desempenham um papel crucial!

Na Primavera/Verão de 2015, faz mais sentido do que nunca partilhar as minhas experiências aquáticas, porque é preciso acreditar na Primavera. Sobretudo nestes tempos de céu cinzento e ar pesado, carregado de monóxido de carbono e pessimismo.

Nada melhor, portanto, que desviar o olhar 180 graus e mergulhar no azul-marinho, que nos aproxima tanto mais do céu quanto mais descemos em direcção ao fundo. Afinal, estamos enfiados no que resta da sopa primordial, no berço da vida, onde foi parido o mundo e nós próprios, e do qual temos apenas uma reminiscência vaga e remota, intermediada pelo líquido amniótico da nossa mãe, onde hoje, adultos ou perto disso, seríamos tão estranhos e invasores como o somos 30 metros debaixo do Atlântico — aqui um pouquinho mais frio, apesar de tudo.

Estes textos servem, pois, para partilhar experiências e tentar, com isso, retribuir ao mundo uma parte da sorte que me deu — ou da Graça, ou do brinde ou da recompensa, ou do que lhe queiramos chamar. São feitos para servirem de comunhão — do que de melhor tem a vida, na minha perspectiva — com aqueles que sabem o que é o mundo do mergulho ou que têm interesse ou curiosidade em vir a saber no futuro, ou simplesmente com os que gostam de ler sobre aventuras e descobertas.

É isso mesmo: as crónicas das minhas descobertas — das aventuras no mar, da técnica do mergulho, dos outros, dos nossos limites e de nós próprios.

Da minha parte, afirmo sem hesitar que já não sou o mesmo que era naquela manhã gelada de Outubro de 2007, em

O Grove (ou «no Grove», como costumamos dizer), na Galiza, enquanto vestia o fato húmido e esburacado com que estava prestes a entrar na água a 13 graus...

As profundidades e tempos indicados no final de cada capítulo correspondem à profundidade máxima e ao tempo de imersão de cada mergulho, tal como registados pelo meu computador e depois apontados no meu *log book* — uma espécie de diário onde se inscrevem as características dos mergulhos e que pode ser utilizado em papel (como o meu, à semelhança das antigas «cadernetas de imersão») ou em formato electrónico.

Quando me refiro a viagens de mergulho, que englobam várias imersões, os valores correspondem ao mergulho mais fundo do conjunto em causa. Os capítulos, por sua vez, correspondem a viagens, formações ou mergulhos singulares — no duplo sentido de se tratar de apenas um e de me ter legado algo que me pareceu digno de nota.

Mas, na verdade, os capítulos são pouco mais do que pretextos.

Se porventura conseguir com estas linhas interessar uma só pessoa pela prática do mergulho ou sensibilizar uma só alma para a importância da conservação dos oceanos e da protecção dos seus habitantes, considero já ter cumprido a minha missão.

«I swam across the rocks and compared myself favorably with the sars. To swim fishlike, horizontally, was the logical method in a medium eight hundred times denser than air. To halt and hang attached to nothing, no lines or air pipe to the surface, was a dream. At night I had often had visions of flying by extending my arms as wings. Now I flew without wings (since that first aqualung flight, I have never had a dream of flying).»

– Jacques-Yves Cousteau, *The Silent World*

«If the oceans die, we die.»

– Paul Watson, fundador da Sea Shepherd
Conservation Society

1.

BAPTISMO DE FOGO (ÁGUA)

Numa manhã fria de Outubro de 2007, estava eu na Praia das Pipas, no Grove, na Galiza, a tentar montar o escafandro para a minha primeira imersão no mar, a primeira aula do curso de mergulho que estava a tirar, fora da piscina. Ao lado do Mestre e entre os restantes discípulos, a primeira preocupação de um candidato a mergulhador certificado é não fazer asneiras e parecer um burro. Ponto. Só isso. E a presença imponente de um e o nervosismo dos outros não ajuda... O que eu fiz — e vim muito depois a perceber que todos fazem, e não só os *rookies* — foi esforçar-me para parecer calmo, seguro, em controlo total e sem nervos. *Play it cool*. Devo ter conseguido (faço isso bastante bem, em geral), mas com um Mestre conhecedor e perspicaz como o meu, nunca se sabe...

«Ora bem... regulador de estribo... certo... Não me posso enganar a metê-lo na garrafa, senão vou ser já a chacota do grupo. Ufa, já está! Vestir o fato húmido, carregar o equipamento pela areia fora e os nervos sempre a aumentar. Será

que me vou safar? Já estou a ficar cansado. Isto tem tudo para correr mal. Mas devo estar a exagerar, os outros parecem bem calmos. Vamos lá para a água.»

Calçar barbatanas na areia, tentar que o mar não as leve, tentar não perder o equilíbrio e entrar no mar. Subitamente, o frio na cara, o silêncio e a sensação de ter chegado ao espaço sideral, onde tudo é estranho, intrigante, maravilhoso e... verde. A visibilidade era péssima, com a água bem fria, uns peixitos minúsculos, nada de especial para ver, mas nunca esquecerei a sensação de, num certo sentido, ter chegado a casa, sem saber de antemão que era ali. Como a sensação de *déjà-vu* que alguns lugares nos dão — a partida que o nosso cérebro nos prega, levando-nos a crer que já ali estivemos antes, quando na verdade se trata apenas de um olhar, ouvir e sentir servido em *repeat* com um intervalo de microssegundos —, eu tive a impressão de ter estado a respirar debaixo do mar antes daquele dia, coisa que nunca tinha acontecido. Fiquei imediatamente rendido e percebi, sem o consciencializar muito bem, que isto era *aquilo*.

Fizemos os exercícios do costume e que já tínhamos treinado na piscina (tirar o regulador, inundar e esvaziar a máscara, remover e recolocar o cinto de lastro, desencapelar o equipamento, etc.), e não tive nenhuma dificuldade em executar qualquer deles. Não que os tivesse treinado de forma particularmente intensiva ou exigente, nem que fosse naturalmente dotado ou talentoso (se tal coisa sequer existe). Acho que, no mergulho, o meu *à-vontade* e relativa competência foram sempre, desde esse dia, proporcionados por uma motivação genuína e profunda, um interesse verdadeiro, uma curiosidade quase reverencial, uma vontade íntima de aprender e fazer

melhor. Numa palavra, por aquilo a que Daniel Coyle chama «ignição», no seu livro *The Talent Code*¹.

Terminados os exercícios, que se repartiram por várias imersões entre as cotas dos 5 e dos 14 metros, passeámos um pouco e desfrutámos do momento enquanto observávamos os peixes, as conchas, as rochas, as algas, os caranguejos, a areia, tudo! Saímos da água completamente enregelados — os fatos húmidos de duas peças, coçados e esburacados, deviam ser banidos —, mas felizes! Os fatos húmidos são aqueles que proporcionam menor protecção isotérmica, pois são peças de neoprene sem vedantes, que deixam entrar água livremente e que, por isso, não impedem o respectivo utilizador de sentir frio passado muito pouco tempo. Os fatos semi-secos, pelo contrário, incluem já vedantes relativamente eficazes, deixando entrar muito pouca água (que tem tendência a aquecer devido à temperatura corporal e a renovar-se muito pouco), se forem usados suficientemente justos, ao passo que os fatos secos são já completamente estanques, permitindo ao mergulhador usar a roupa que entender por dentro do fato — o «interior» mais comum é algo do género de um pijama que as marcas mais comuns no mercado fornecem e que aquece bastante o corpo.

Apesar do frio dessa manhã, adorei cada momento e mal podia esperar pelo dia seguinte, o dia do «exame» — o mergulho de mar sem exercícios —, do qual dependia o cartão atestando que era um mergulhador certificado. Um P1, o primeiro nível dos mergulhadores certificados pela agência CMAS (Confédération Mondiale des Activités Subaquatiques), da qual faz parte a Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas, que regula a

¹ Edição portuguesa: *O Código do Talento*, Livros d'Hoje, 2009.

formação de mergulho em Portugal (ministrada através de uma rede de escolas de mergulho que aderem ao sistema CMAS), em concorrência com outras agências formadoras e certificadoras.

Depois de recuperar da hipotermia e de voltar a sentir os pés — com a ajuda do aquecimento do carro, em cujos ventiladores enfiar os dedos durante 15 minutos —, começava a segunda parte do dia (e noite), que viria a descobrir ser parte integrante da vida de mergulhador: a borga. Cansado e entorpecido por uma moleza e uma preguiça características de quem passa algum tempo na água salgada, mas animado e contente, jantei no hotel «incumbente» do mergulho no Grove e fomos depois conhecer a noite da terreola, num ambiente de festa e boa disposição. Evidentemente adorei conhecer a terra, os bares, os colegas, a movida e tudo o mais. Ah, e conheci nessa noite a mãe da minha filha.

No dia seguinte, depois de dormir uma hora, contra todos os avisos e recomendações (e ameaças) do Mestre, tomámos o pequeno-almoço às 8 horas e lá fomos para o Porto Meloxo, de onde saiu o barco cheio de «projectos de P1» entusiasmados e cheios de frio, numa manhã cinzenta e chuvosa, sob o olhar desconfiado e levemente crítico do Mestre do bigode. O mergulho de «exame» correu muito bem, sem nenhum incidente, connosco bastante relaxados e autoconfiantes, contemplando calmamente peixes e santolas, ligeiramente orgulhosos da nossa competência (aparente). Conquistámos facilmente a nossa certificação e sentimo-nos preparados para conquistar os oceanos. Um dia que nunca irei esquecer!

PRAIA DAS PIPAS

Duração: 85 minutos | Profundidade: 14 metros

2.

O GPS HUMANO

Cedo percebi — aliás, desde os mergulhos de formação do curso de P1, como já disse — que me interessava muito pela coisa. Era preciso, por isso, praticar, estudar e ir fazendo cursos, em direcção às certificações mais elevadas e talvez até, um dia, chegar ao chamado «mergulho técnico».

Por isso, no início de Março de 2008, lá estava eu — no Grove, claro — para o exame do curso de navegação, preparando-me também para iniciar o caminho da certificação como mergulhador de nível P2 («mergulhador autónomo»). Este significa que se está apto para mergulhar, quando acompanhado de mergulhadores de nível superior, até aos 40 metros de profundidade, ao passo que o mergulhador de nível P1 («mergulhador supervisionado») não está habilitado a ultrapassar a denominada «média profundidade» (20 metros). O nível seguinte — o último da progressão dos mergulhadores recreativos que evoluem nas certificações CMAS — é o P3, que está habilitado a planear e organizar os seus próprios mergulhos,

podendo liderar mergulhadores P1 até aos 20 metros de profundidade e mergulhadores P2 até aos 40 metros, além de poder também exercer a função de guia de mergulho e auxiliar os instrutores nas aulas de piscina e de mar.

O Grove é um concelho galego situado numa península à entrada da Ria de Arousa, confinante, a sudeste, com Sanxenxo. Tem cerca de 11 000 habitantes e é um destino turístico muito popular entre os galegos e muitos portugueses, cujas principais atracções são as praias, o peixe, o marisco e, claro, o mar. As suas marisqueiras (ou algumas delas, em rigor) são realmente excelentes e a Praia da Lanzada é efectivamente deslumbrante e merece a visita de qualquer pessoa que goste de passar tempo à beira-mar e que aprecie um bom dia de praia.

O Grove é um lugar procurado pelos portugueses, sobretudo do Norte do país, para a prática do mergulho — e, em especial, para a formação — porque alberga uma baía bastante protegida que permite saídas para o mar muito mais seguras e com um grau de previsibilidade do estado do mar muito superiores às de qualquer outro lugar em Portugal Continental. Por essas razões, são muito frequentes as viagens ao Grove para os mergulhadores que vivem no Porto (e até para aqueles que vivem mais a sul), como eu, sobretudo enquanto escasseia a experiência e abunda uma quantidade de cursos para fazer.

Ora, o curso de navegação foi especialmente desafiante para mim, pela simples razão de que tive sempre e ainda tenho um sentido de orientação péssimo, para não dizer inexistente. Sou assim em terra, por isso imagine-se debaixo do mar, onde as referências são normalmente poucas e difíceis de memorizar... Aprender a navegar com uma bússola não é difícil, realmente, mas, como aprendemos no curso e é fácil compreender, não é

o facto de conseguirmos virar à esquerda 90 graus exactos ou de dominarmos a técnica de desenhar e trilhar um percurso coincidente com um triângulo equilátero que nos impede de irmos parar a um sítio totalmente diferente do suposto, como eu descobri, na prática, durante o exame.

Liderei um grupo de três mergulhadores (um dos quais o instrutor) num quadrado de 30 barbatanadas de lado, tendo como única preocupação olhar para a bússola e nadar muito rápido, nem sei bem porquê. Talvez para dar a impressão de maior proficiência e confiança... A verdade é que, apesar de ser relativamente simples navegar num quadrado, a corrente não deixa de exercer o seu efeito e, portanto, o ponto de partida para o primeiro lado do quadrado acaba por ser bem distinto do ponto de chegada do último lado, por mais perfeição com que se execute os três ângulos de 90 graus. Resultado: subimos, no fim dos exercícios, muito distantes do barco de onde tínhamos saltado para a água e tivemos de nadar uns bons 15 minutos à superfície, depois de eu ter conseguido, com a minha estonteante velocidade de navegação, esgotar as energias de toda a gente!

Os colegas furiosos, o instrutor também cansado e resmungão e eu um bocado envergonhado, lá chegámos ao barco. Nas imortais palavras do nosso eloquente Mestre: «que grande falhanço». É verdade que não tenho sentido de orientação nenhum e também é verdade que naveguei depressa demais, mas ninguém me ensinou, até hoje, como era possível navegar de forma a descobrir o barco enquanto se fazia o quadrado, sendo levado pela corrente...

Seja como for, hoje em dia quase nunca me preocupo em navegar com muito rigor, porque, por um lado, não levo

normalmente comigo a bússola (e, mesmo que levasse, uma coisa é navegar com bússola e outra, bem diferente, é mergulhar) e, por outro lado, não consigo fazê-lo bem, por isso ou tenho a acompanhar-me um bom navegador, ou então deixo-me nas mãos de Neptuno e logo vejo o que acontece...

PRAIA DAS PIPAS

Duração: 33 minutos | Profundidade: 4,9 metros

O GOLFINHO E O GTI

Um mês depois estava nas Medas, na Costa Brava espanhola, um arquipélago composto por sete pequenas ilhas, desabitadas, ao largo de L'Estartit, em Girona, que constituem uma reserva marinha protegida. L'Estartit é uma vila pequenina, muito caracterizada pelos desportos aquáticos, com um mar ótimo para o mergulho e com estabelecimentos especializados em festa *non-stop*. Suspeito até que esse era o móbil principal de alguns dos meus companheiros de viagem, que apenas desfrutaram do mergulho como complemento e não como prato principal...

Fiz nas Medas vários mergulhos particularmente interessantes, desde logo porque desci pela primeira vez abaixo dos 30 metros e também porque fiz, em conjunto com o nosso Mestre, uma cirurgia a um sargo que se estava a debater desesperadamente com um anzol na boca, provavelmente uma recordação deixada por um pescador, que o sargo achou demasiado apelativa. O peixe estava já de lado quando o encon-

trámos, praticamente imóvel, pois não conseguia equilibrar-se na posição que lhe permite nadar, e assim que o vimos olhámos um para o outro, concordámos em avançar e agarrámos o animal enquanto puxávamos o pedaço de metal assassino tão gentilmente quanto possível. Mas a verdade é que os anzóis estão desenhados justamente para não saírem da boca do peixe facilmente e, com efeito, não saem de lá sem causarem danos. Retirámos o anzol ao fim de alguns minutos de intervenção médica na Clínica das Algas na Rocha, mas o pobre peixe veio a falecer na mesa de operações, com muita pena nossa. «Paz à sua alma de sargo», pensámos, e construímos uma pequena cruz com dois pauzinhos, que enterrámos na areia. É a vida.

Estas são águas com muitos meros, lagostas e sargos. As ilhas Medas possuem uma geologia particularmente intrincada, que alberga cavernas subaquáticas que é interessante conhecer e explorar, em total segurança. Eu sou um adepto incondicional de grutas fora do âmbito do mergulho técnico (*cave diving*) — aquele ramo do mergulho que é uma espécie de espeleologia subaquática e que envolve componentes e técnicas muito complexas não é definitivamente para mim. Nem é tanto pelo perigo envolvido — que é considerável, mas cada vez mais antecipável e gerível — nesse tipo de mergulhos; simplesmente não me atrai a ideia de estar fechado numa gruta escura, de onde não é fácil sair, com muito material redundante, necessidade de nos guiarmos pelas linhas dos carretos, com regras muito próprias para a gestão de gases. Não me agrada essa ideia, nem seco nem molhado, por isso considero o mergulho em gruta — no sentido que descrevi — totalmente claustrofóbico e afastado do meu leque de interesses. Não digo que dessa água (salgada) não beberei; mas não tenciono realmente bebê-la.

Em todo o caso, as grutas ou cavernas das Medas, a que me referi, nada têm a ver com esse universo. São grutas curtas, embora a luz seja muito fraca a espaços, mas a saída é relativamente óbvia (voltando para trás ou desembocando num corredor com saída) e não há grandes possibilidades de nos perdermos, embora no meu caso isso esteja sempre longe de ser um dado adquirido.

A fauna aí residente é abundante e está bem preservada pela protecção que é conferida pelo estatuto de reserva de que gozam as Medas; e as contraluzes azuis que se podem observar nas grutas são dos fenómenos mais bonitos que conheço no mergulho. Mas a gruta mais conhecida é possivelmente a Gruta do Golfinho (*Cova del Dofí* é o nome catalão), no interior da qual existe uma estátua do mamífero no topo de uma rocha, que medirá talvez 30 centímetros. Ignoro completamente quem a colocou lá e por que razão. Alguma forma de homenagem a estes nossos companheiro dos mares, talvez.

A verdade é que foi nesta gruta que pela primeira vez senti adrenalina à séria debaixo de água. A minha *buddy* geriu mal o ar — é um GTI a consumir —, muito devido à hiperventilação que estava a fazer em virtude do ambiente confinado em que nos encontrávamos, atreito a alguns estados de ansiedade, com pouca luz e bastante confusão gerada pelos movimentos cruzados de várias lanternas, que ocasionalmente nos encandeiam, e quando verificou o manómetro tinha apenas 30 ou 40 bar disponíveis na garrafa (o protocolo do mergulho recreativo aconselha que se atinja a superfície ainda com 50 bar de pressão de ar na garrafa, vulgar «reserva», para situações eventuais de emergência).

Felizmente, a experiência de que ela já dispunha no mergulho levou-a a disparar imediatamente em direcção ao nosso

guia, que logo partilhou ar através do seu *octopus* (segundo andar do regulador — uma segunda mangueira com bocal —, que serve para isso mesmo) e foram saindo da gruta tranquilamente até à boca, subindo depois até à superfície.

Ver este exercício, aprendido na formação, posto em prática foi algo que me deixou bastante nervoso — temendo pela segurança dos envolvidos —, mas que me deu também bastante confiança e tranquilidade para o futuro, porque me mostrou que aquilo afinal servia para alguma coisa e funcionava mesmo!

Quanto ao golfinho, contemplei-o por breves instantes e a minha *buddy*, ao que julgo, nem se apercebeu que ele lá estava...

GRUTA DO GOLFINHO

Duração: 41 minutos | Profundidade: 18,8 metros

4.

MAR DE AZULEJOS

Por razões de trabalho, viajo frequentemente para Bruxelas, a capital europeia da burocracia, dos mexilhões, das batatas fritas e... do mergulho em água doce! A razão é simples: localiza-se nesta cidade um complexo de piscinas intitulado Nemo 33 — cujo website contém informação completa e fotografias interessantes —, que é composto por vários tanques, ligados entre si, e que inclui um poço cilíndrico com profundidade de aproximadamente 33 metros (na realidade são cerca de 34 — talvez o construtor, com o entusiasmo, tenha escavado um pouco de mais).

Esta invulgar infra-estrutura ostentou durante muitos anos o título de piscina mais funda do mundo, mas perdeu esse troféu em Junho de 2014, com a abertura da Y-40: um tanque com 40 metros de profundidade, cheio com água termal, que abriu em Pádua, na Itália, e que ainda não pude visitar.

O Nemo 33, que adoptou o nome do famoso capitão saído da imaginação de Júlio Verne, assemelha-se, da primeira vez

que é observada da beira da piscina, a um vulgaríssimo complexo desportivo, com aulas de natação a decorrer, máquinas de hidroginástica parcialmente submersas e constantemente ocupadas pelos utentes, com os gritos e os risos mais ou menos estridentes das crianças a chapinhar e a fazerem os seus jogos habituais. Uma observação mais atenta, porém, leva-nos a perceber que há um paralelepípedo mais profundo, com 10 metros entre o fundo e a superfície, onde fazem apneias vários *free-divers*, que é o exercício habitual antes do mergulho com garrafa.

A sequência é a seguinte: chegados à piscina (e depois de pagar os 22 euros à entrada), escolhemos máscara, colete e barbatanas, incluídos no preço (o computador de mergulho deve levar-se, caso contrário é alugado à parte), montamos o equipamento e entramos na água quando soa uma campainha, após um breve *briefing* por parte dos instrutores responsáveis. Durante 10 minutos, relaxa-se na água e esse é o período em que alguns — onde me incluo — aproveitam para fazer vários mergulhos livres aos 10 metros, testando ou recordando a respectiva capacidade de apneia.

Faço essas apneias tranquilamente, mas não sou nem fui nunca um extraordinário apneísta. Na realidade, as garrafas sempre concentraram mais a minha atenção, apesar de já ter tirado cursos de apneia, que são muito procurados por caçadores submarinos (uma vez que é proibido caçar munido de escafandro) e importantes para qualquer pessoa que se interesse por estes assuntos e que tenha gosto pela água, uma vez que são ocasiões em que podemos testar e ficar a conhecer os nossos limites físicos num ambiente controlado e sob supervisão, o que possibilita também aprender bastante sobre a fisiologia da